

Prefácio à edição em português



É com muita alegria que apresentamos ao leitor, estudioso, seminarista e pastor de fala portuguesa duas obras de dois grandes estudiosos, Gordon Fee e Douglas Stuart, sobre o importante tema da exegese bíblica do Antigo e do Novo Testamento.

Alguns esclarecimentos precisam ser feitos sobre o formato que essas obras adquiriram nesta edição em português.

Em primeiro lugar, as duas obras foram agora reunidas em uma só. Para conveniência do estudante, redução de preço, enfim para facilitar o manuseio e o acesso à obra, decidimos reunir os dois volumes e um só. Assim, o leitor tem aqui duas excelentes obras em um único tomo dividido em duas partes: a *Primeira Parte*, Antigo Testamento, e a *Segunda Parte*, Novo Testamento. No entanto, isso criou uma série de dificuldades, favorecidas por algumas confusões já presentes nos originais, relativas às referências cruzadas espalhadas por todo o livro. Por isso, o leitor deve sempre ter o cuidado de verificar bem as referências cruzadas para não confundir Passo (que também aparece no texto como “passo”, mas não no mesmo sentido) com capítulo e Seção das obras originais. Acreditamos ter adotado nesta nossa edição uma boa solução para a estrutura e as referências da obra.

É necessária mais uma explicação em decorrência dessa reunião das duas obras em um único tomo. O leitor notará a existência de vários prefácios no início da obra e há uma boa razão para isso. Mantivemos os prefácios originais de ambas as obras por conterem explicações relevantes e pertinentes para o leitor.

Outra característica importante desta edição brasileira é a bibliografia em português. A obra original está repleta de sugestões, informações e orientações bibliográficas, quase tudo em inglês, com uma pequena parte em alemão. Não é segredo para ninguém que a literatura teológica e bíblica em inglês, para ficar só nessas categorias, é bem vasta. O número de comentários bíblicos, por exemplo, é muito grande, representando linhas e tendências as mais diversas. Em português, por outro lado, estamos nos primeiros estágios da construção de uma biblioteca bíblico-teológica minimamente erudita. Com isso em mente, fizemos, então, o esforço de indicar em cada seção, junto com os títulos em inglês, o que temos à disposição em português e em alguns casos também em espanhol. Por

isso, sempre busque, ao final das seções, a parte introduzida pela expressão “**Em português:**” para ter uma orientação sobre a bibliografia pertinente em nossa língua. Em alguns casos, você vai se surpreender positivamente com títulos e autores que desconhecia até agora.

Enfim, esperamos que o público possa fazer bom uso deste excelente material para o estudo desta seara tão importante, a exegese bíblica.



Prefácio

Antigo Testamento

Aqueles poucos estudantes e pastores que dominam diversas línguas antigas e modernas, que lêem regularmente a literatura acadêmica e que já ganharam confiança em sua habilidade de fazer exegese, não terão necessidade alguma deste manual. Este livro foi escrito para aqueles que não conseguem ler de imediato um salmo em hebraico e que não têm certeza do significado ou conteúdo da expressão *Vetus Testamentum* (que significa “Velho Testamento” em latim, e é, também, o título de uma importante publicação acadêmica sobre o AT).

Este livro destina-se àqueles que não têm idéia do sentido do termo *homoioteleuton* (que significa “o mesmo tipo de final”, e é um fator determinante em certos problemas textuais). O livro foi escrito para a vasta maioria dos estudantes de teologia e para pastores. Está baseado na convicção de que mesmo as pessoas mais inteligentes não podem compreender métodos e conceitos que não são, de algum modo, explicados para elas, e que não há vergonha alguma em buscar tais explicações, mesmo que a maioria dos professores de teologia não as ofereçam. A exegese do Antigo Testamento tem métodos e conceitos regulares, que podem ser ensinados a quase qualquer pessoa que queira aprendê-los. É trágico constatar que pouquíssimos alunos de teologia se sentem seguros ao fazerem exegese do AT, e que a maioria dos pastores, aparentemente, abandonam a prática por completo.

Proponho apresentar, portanto, um guia passo a passo da exegese do AT nada técnico e simples, sem ser simplista, que explique não apenas os métodos, mas também os objetivos da exegese, e que sirva como um manual de referência à medida que o estudante ou o pastor faz o trabalho exegético propriamente dito. Minha abordagem exegética tem certas tendências das quais estou consciente e pelas quais não peço desculpas. Talvez a mais discutível seja minha insistência em que a exegese deva incluir orientações para a aplicação da passagem estudada. A exegese é, claramente, um empreendimento teológico; e a teologia não aplicada à vida do povo de Deus é estéril. Por essa razão, propositadamente também

dei menos ênfase a algumas técnicas críticas (como, por exemplo, o estruturalismo e a análise e crítica da redação) que, apesar de fascinantes para o acadêmico, produzem resultados escassos teologicamente, e são, em última análise, de pequeno valor homilético, ainda que esse juízo de valor possa desagradar alguns eruditos. Tentei manter o equilíbrio entre as técnicas sincrônica e diacrônica, i.e., entre a que lida com o texto no estado atual, e a que trata da história dos desenvolvimentos que culminaram no estado atual do texto. Mas isso foi feito somente no caso de haver a possibilidade de benefício teológico prático. O propósito da exegese é a pregação e o ensino na igreja. Os alunos de teologia e os pastores sabem disso instintivamente e exigem relevância da exegese e de outros estudos bíblicos, o que de fato devem fazer.

Este manual reconhece que somente uma pequena parcela de estudantes e pastores [brasileiros] lêem alemão ou outras línguas eruditas. Assim, que vantagem haveria em fingir que possam fazê-lo? O guia bibliográfico no capítulo 4 se restringe, portanto, o quanto for possível, a obras em língua inglesa e portuguesa.

No capítulo 3 há uma contribuição exclusiva deste livro: um esboço resumido, num formato exegético que demanda menos tempo, para pastores. Os alunos de teologia normalmente aprendem, pelo menos de modo geral, a confeccionar trabalhos exegéticos formais, com base em muitas horas de pesquisa e de produção acadêmica. No entanto, ninguém lhes ensina a transferir essa habilidade para a tarefa semanal da pregação, quando talvez haja somente quatro a cinco horas disponíveis para a parte exegética da preparação para o sermão. Pode-se fazer exegese de forma responsável, ainda que não exaustiva, num período de algumas horas. O pastor deve, primeiramente, tentar entender a forma mais abrangente do guia no capítulo 1. O capítulo 3 representa a forma condensada e mais econômica desse mesmo material, com atenção especial aos interesses homiléticos.

Os aspirantes a exegetas do Antigo Testamento que não conhecem o hebraico também poderão fazer bom uso da orientação aqui apresentada. Contudo, não há como negar que pelo menos um conhecimento elementar do hebraico é uma vantagem preciosa tanto para estudantes como para pastores. Fiz o possível para encorajar os que têm pouco conhecimento de hebraico a usá-lo assim mesmo. Os auxílios discutidos no capítulo 4 podem se ser importantes no sentido de vencer as dificuldades, em especial no caso de concordâncias eletrônicas que oferecem de imediato um nível de recursos lingüísticos encontráveis anteriormente apenas a grande custo. De fato, o pastor que trabalha fielmente a partir das línguas bíblicas na preparação de sermões, não importando o quão elementar seja o seu conhecimento no início, com o passar do tempo ganhará um bom domínio delas. Espero que este manual incentive muitos a fazê-lo.

Para esta terceira edição, acrescentei novas explicações, adicionei, excluí ou alterei centenas de frases, aumentei o número de obras de referências, atualizei a lista de obras revisadas, e tentei implementar outros tipos de melhorias. Sou muito grato a meus alunos Wendy Wilcox Glidden e Filip Vukosavovic pelas muitas sugestões incorporadas a esta edição. É uma alegria interagir com alunos que amam livros e o aprendizado, e desejam que outras pessoas partilhem desse prazer.

O amplo uso da primeira e da segunda edições, incluindo traduções em línguas estrangeiras, é muito gratificante e constitui evidência da fome contínua da pregação e do ensino baseados acurada e solidamente nas Escrituras.

Prefácio da primeira edição



Novo Testamento

Certa vez, um aluno perguntou a um velho colega meu, professor de Novo Testamento, sobre como ele poderia aprender a fazer exegese, imaginando que seu professor lhe fosse sugerir um livro. Meu colega respondeu: “Você terá de fazer um curso”. Essa resposta é o reconhecimento velado daquilo que todos nós que ensinamos o NT sabemos ser a verdade: Simplesmente, não existe nenhum livro que sirva como um manual ou um guia para os estudantes aprenderem o processo exegético, desde o abrir da Bíblia até a redação da monografia. Este livro espera preencher essa lacuna.

Existem, é claro, alguns bons livros à disposição daqueles que fazem exegese. O que mais se aproxima do tipo que tenho tentado escrever é o de Otto Kaiser e Werner G. Kümmel, *Exegetical Method: A Student's Handbook* (Ed. rev. Seabury Press, 1981). Mas essa é uma coletânea de artigos e não uma orientação sistemática para estudantes. O livro é útil até certo ponto, mas quem já tentou utilizá-lo como livro de texto sabe que é escrito de forma muito geral para os propósitos de um curso. Um manual útil, escrito por John H. Hayes e Carl R. Holladay, foi publicado recentemente: *Biblical Exegesis: A Beginner's Handbook* (John Calvin Press, 1982). Este livro cobre ambos os Testamentos nos mesmos capítulos, abordando a tarefa da perspectiva dos diversos procedimentos críticos.

Duas outras obras são especialmente úteis para o aluno ou pastor entender os vários aspectos e metodologias que compõem o processo exegético do NT: Howard I. Marshall (ed.), *New Testament Interpretation: Essays on Principles and Methods* (Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1977), 406 págs., e Daniel J. Harrington, *Interpreting the New Testament: A Practical Guide* (Michael Glazier, Inc., 1979), 149 págs. Qualquer dos dois livros servirá como um bom companheiro da presente obra, uma vez que elaboram, em detalhe considerável, alguns dos aspectos metodológicos tratados de modo mais pragmático (“como fazer”) nesta obra.

As motivações para escrever este livro são muitas. Em primeiro lugar, em todos os meus anos de estudo, nunca fui ensinado a fazer exegese. A razão disso, em parte, é que eu nunca estudei num seminário. Mas, também, como bacharel com ênfase em Bíblia e como aluno de pós-graduação (Ph.D.) em estudos do NT, nunca fiz um curso específico de exegese. Um curso de hermenêutica, em nível de bacharel, era comum no currículo — muitas informações, muitas vezes úteis, mas que não eram voltadas a ensinar o estudante a fazer exegese de um texto específico. Por outro lado, vi o que era apresentado como exegese em muitos seminários e faculdades, basicamente grego avançado, no qual “exegese” significava conhecer o sentido das palavras e determinar “o tipo de genitivo” usado em determinada passagem. O instinto mostrou-me que tal trabalho, por mais necessário e útil que fosse, não era exegese, mas apenas uma parte do todo.

Assim, fiz o que muitos dos meus contemporâneos, que como eu, estudaram exegese como parte de um curso de hermenêutica ou como “grego avançado”, tiveram de fazer: aprendi a fazer exegese por conta própria. É claro que tive muitos professores: os melhores comentários, tais como o de Barrett em 1 Coríntios; meus colegas, especialmente David M. Scholer, que é agora deão acadêmico do Northern Baptist Seminary, com quem ensinei em parceria o curso de interpretação do NT, e a quem devo muito do que há neste livro. Mas aprendi muito sentando-me diante de um texto e esforçando-me para levantar sozinho as questões pertinentes.

O impulso para escrever este livro veio, inicialmente, de meu colega Douglas Stuart, cuja experiência semelhante com a exegese do AT o levou a escrever a obra complementar deste livro (*Old Testament Exegesis*. Westminster Press, 1980). Pouco tempo depois que o livro do professor Stuart foi publicado, manifestei a James Heaney, da Westminster Press, o meu tímido desejo de escrever, algum dia, a obra complementar do NT. O dr. Heaney exerceu a pressão adequada que, finalmente, resultou no “algum dia” tornar-se um prazo final a ser cumprido com a produção de um manuscrito.

Visto que este livro complementa a obra do professor Stuart, eu a mantive ao meu lado todo o tempo e fiz questão de seguir o seu esboço tanto quanto possível. Alguns alunos que já utilizaram com proveito o livro *Old Testament Exegesis* perceberão, às vezes, repetição direta. Não peço desculpas por isso; em muitos pontos as duas disciplinas se cruzam e as duas obras têm como propósito serem complementares. Entretanto, já que exegese do AT e do NT são, de fato, duas disciplinas distintas, existem também diferenças óbvias no formato dos dois livros. As mais notáveis são: (a) Eu incluí um segundo capítulo, no qual diversos detalhes do esboço dado no capítulo 5 são elaborados. Esse segundo capítulo tem como intenção ensinar os alunos a usar certas ferramentas-chave e a lidar com os componentes

básicos da exegese. (b) O capítulo 8 (comparável ao capítulo 4 no livro de Stuart), sobre auxílios e recursos, foi combinado com duas bibliografias já existentes. Não pareceu necessário duplicar esse material quando vários auxílios semelhantes já estão disponíveis.

Os alunos logo perceberão que nem todos fazem (ou ensinam) exegese precisamente do mesmo modo. Este livro procura levar isso em consideração. Os passos sugeridos aqui não são normas inflexíveis; são orientações. Se uma outra ordem de procedimentos lhe servir melhor, ou é seguida por seus próprios professores, então, por favor, faça uma adaptação que sirva às suas necessidades. O que procuro oferecer é um guia com todos os passos necessários a fim de se fazer uma boa exegese. Penso que o livro será útil nesse sentido.

Como no livro de Stuart, presumimos aqui que a exegese requer um conhecimento mínimo de grego. Contudo, este livro também foi escrito para encorajar ao uso do grego aqueles cujo conhecimento da língua esteja “enferrujado”. Os alunos que não conhecem o grego poderão, mesmo assim, utilizar muito deste guia, em especial o capítulo 5. Mas como você verá no capítulo 6, muitas das coisas cruciais exigirão algum conhecimento instrumental da língua original. Nesse capítulo, oferecemos algumas traduções do grego, de modo que você possa se beneficiar, tanto quanto possível, do material nele contido. Na realidade, se você investir algum tempo no aprendizado do alfabeto grego, será capaz de utilizar a maior parte das ferramentas discutidas no capítulo 6. Uma das finalidades do livro é incentivá-lo a, mais cedo ou mais tarde, adquirir conhecimento da própria língua grega.

Gostaria, neste ponto, de reiterar a necessidade de ter em mãos dois dos livros que o professor Stuart menciona em sua introdução:

DANKER, Frederick W. *Multipurpose Tools for Bible Study*. 3. ed. Concordia Publishing House, 1970.

SOULEN, Richard N. *Handbook of Biblical Criticism*. 2. ed. John Knox Press, 1981.

Esses livros serão excelentes complementos à presente obra. O livro de Danker é um exame metódico das ferramentas mencionadas nos capítulos 6 e 8. A obra de Soulen é uma mina de definições e explanações para quase todos os termos e técnicas exegéticas que você encontrará em toda sua vida de estudante da Palavra.

Finalmente, devo registrar o reconhecimento devido a outros além dos professores Scholer e Stuart, que contribuíram para a publicação deste livro. Devo reconhecimento ao professor Robert A. Guelich, do Northern Baptist Seminary, pelo encorajamento inicial e, especialmente, por alguns conselhos úteis acerca do uso da sinopse grega. Também devo reconhecimento ao dr. Rod Whitacre por sua

generosa interação com o todo do livro e, especialmente, pelo material incluído na divisão que trata da análise gramatical. Ao meu ex-aluno e colega, já há algum tempo, Gerry Camery-Hoggart por sugestões úteis em cada estágio do projeto e, especialmente, pelo material relativo à documentação das fontes secundárias. Meus outros colegas professores de NT, Royce G. Gruenler e J. Ramsey Michaels, também se reuniram comigo por muitas horas de intenso debate sobre muitas partes do livro. Agradecimentos especiais ficam registrados pelas habilidades datilográficas especializadas de Holly Greening, Corinne Languedoc e Anne Swetland.

Prefácio da segunda edição



Novo Testamento

A calorosa acolhida com que a primeira edição deste livro foi recebida foi gratificante e ao mesmo tempo a evidência certa de que tal livro era necessário. Agora — uma década mais tarde — uma edição revisada é necessária, mas porque muito mais tem acontecido em dez anos. Quatro questões em particular exigiram essa nova edição.

Primeiro, eu passei os últimos seis anos ensinando exegese no contexto do Regent College (Vancouver, B.C.), onde a composição de nosso corpo discente me forçou a repensar como esse material pode ser mais bem adaptado a aqueles que trabalham apenas com o texto já traduzido. Embora muitos de nossos alunos queiram seguir a carreira de ministros eclesiásticos, não é o caso da maioria, e nosso curso básico de exegese pretende cobrir AT e NT igualmente, para alunos de cursos que na maioria dos casos não têm grego. Eu ainda exijo de todos os estudantes que aprendam o alfabeto grego (como sugerido no prefácio da primeira edição), para que possam usar as melhores ferramentas, e também exijo que façam tarefas que forcem o uso de várias fontes primárias (em tradução) listadas no Passo 8; mas também fiz alguns ajustes para o caso de estudantes sem conhecimento de grego, tanto na ordenação dos passos quanto para aproximá-los mais rapidamente da literatura secundária, em especial os comentários. Esses ajustes agora aparecem nessa edição revisada.

Em segundo lugar, uma assombrosa quantidade de nova literatura secundária foi produzida durante a década passada. Essa nova edição, portanto, dá a oportunidade de atualizar os recursos no capítulo 8, não só isso, mas até os itens mencionados no primeiro prefácio precisam ser atualizados. Assim, em adição aos volumes de Marshall e Harrington, os seguintes livros muito importantes devem ser destacados (e provavelmente adquiridos):

BLACK, David Alan e DOCKERY, David S. (eds.), *New Testament Criticism and Interpretation*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1991.

CONZELMANN, Hans e LINDEMANN, Andreas, *Interpreting the New Testament: An Introduction to the Principles and Methods of N.T. Exegesis*; trad. S. S. Schatzmann de *Arbeitsbuch zum Neuen Testament*, 8 ed. alemã. Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1988.

O último, apesar do subtítulo em inglês, não trata só de “princípios e métodos” mas também apresenta seções maiores sobre pano de fundo, esboços de conteúdo, e questões relativas à interpretação de Jesus e do cristianismo primitivo.

Em um nível muito mais prático, e portanto especialmente por causa dos usuários deste livro que trabalham só com o texto bíblico traduzido, discussões proveitosas de muitas das questões tratadas aqui podem ser achadas em:

FURMAN Kearley F., MYERS, Edward P. e HADLEY, Timothy D. (eds.), *Biblical Interpretation, Principles and Practice: Studies in Honor of Jack Pearl Lewis*. Grand Rapids: Baker Book House, 1986.

Em terceiro lugar, materiais de pesquisa para o computador se multiplicaram na década passada. É difícil saber quanto desse material se encaixa em um “manual do estudante”, mas pelo menos alguns dos mais prontamente disponíveis, ou especialmente úteis, são registrados no capítulo 8.

E por último, quando esse livro apareceu pela primeira vez, a crítica retórica estava só começando a marcar presença em materiais exegéticos. Mesmo que o grau em que os autores do Novo Testamento fazem uso dessas formas helenísticas tenha provavelmente sido exagerado por seus praticantes, essa área de estudo abre novas formas de se ouvir as cartas do Novo Testamento e assim, potencialmente, oferecem muitas idéias proveitosas para sua interpretação. Então, alguma discussão sobre a questão retórica teve de ser acrescentada (5.9.3 [Ep]), bem como a literatura adicional para aprofundamento.

Como no caso da primeira edição, estou em dívida para com várias pessoas por sua ajuda em tornar possível essa nova edição. Aqui registro meus agradecimentos especiais a meu assistente em 1991-92, James M. Leonard, cuja ajuda com meus alunos foi muito além do esperado, e quem também releu a primeira edição com olhar especialmente crítico com vistas a sua utilidade para os estudantes. Também sou grato ao dr. James M. Scott da Trinity Western University, que bondosamente colocou à minha disposição sua completíssima, e não publicada, bibliografia sobre “Recursos Lexicais para as Literaturas Grega, Latina e Cristã”, e que também supriu a necessária bibliografia das ferramentas de pesquisa em computador.

Prefácio da terceira edição



Novo Testamento

Recebi com muita alegria o convite do editor para preparar esta terceira edição de *Exegese do Novo Testamento*, que aparece em conjunto com a terceira edição de *Exegese do Antigo Testamento* de Douglas Stuart (v. prefácio à primeira edição). As revisões mais importantes para esta edição estão na bibliografia — uma enorme quantidade de nova literatura e recursos da internet apareceu nos últimos dez anos. Ao mesmo tempo, o texto grego utilizado da UBS/Nestle-Aland apareceu em uma nova revisão (UBS⁴ e NA²⁷ respectivamente), como também aconteceu com uma recente e consideravelmente revisada edição por Frederick W. Danker do léxico grego utilizado aqui — conhecido de todos como “Bauer”, mas que agora deve ser conhecido como BDAG. Isso significa que as seções 6.2 (“Estabelecendo o texto”) e 6.4 (“Análise Lexical”) foram profundamente revisadas para refletir essas novas edições, cujos fac-símiles também foram incluídos.

Livros do tipo editado por I. H. Marshall (v. prefácio à primeira edição) e Black e Dockery (prefácio à segunda edição), que trazem ensaios muito úteis sobre todo tipo de questões relacionadas à interpretação do Novo Testamento, continuam aparecendo. Chamo atenção para os seguintes:

GREEN, Joel B. (ed.) *Hearing the New Testament: Strategies for Interpretation*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1995.

PORTER, Stanley E. (ed.) *Handbook to Exegesis of the New Testament*. Leiden: E. J. Brill, 1997.

Eu também elaborei, ou revisei, as edições anteriores em dois pontos importantes. Primeiro, no Passo 8 (e seção 6.5 do cap. 6), reescrevi grande parte da seção para incluir o florescimento de duas dimensões dessa tarefa: crítica a

partir das ciências sociais (entendendo a cultura através dos olhos do estudo sociológico) e intertextualidade (ouvindo os ecos do AT nos autores do NT, bem como suas citações diretas). Segundo, eu rescrevi o Passo 11 (G) para enfatizar mais onde é o seu lugar apropriado: na narrativa do próprio evangelista.

Já que este livro assume que os livros bíblicos têm “autores”, e que a visão do autor deve ser levada em conta no processo exegetico, eu adicionei um Apêndice a esta edição com uma breve análise dessa pressuposição à luz de algumas teorias pós-modernas de “interpretação”, que começam com o leitor e tendem a negar completamente o conceito de “autor”.

Como sempre, estou em débito com outros pela ajuda de vários tipos: a Carey Newman, editor na Westminster John Knox Press, que iniciou esse processo e que encorajou-me com generoso apoio quando o prazo teve de ser adiado por causa de uma cirurgia; a meu ex-assistente no ensino, Rick Beaton, agora professor assistente de Novo Testamento no Fuller Theological Seminary, que me ajudou a aumentar a velocidade na pesquisa no computador; e a meu colega no Regent, Loren Wilkinson, professor de estudos interdisciplinares, que separou um tempo para ler e criticar o Apêndice.

Whitsuntide 2001



Antigo Testamento

Uma exegese é um estudo analítico completo de uma passagem bíblica, feito de tal forma que se chega à sua interpretação útil. A exegese é uma tarefa teológica, mas não mística. Existem certas regras básicas e padrões sobre como fazê-la, embora os resultados possam variar em aparência, uma vez que as próprias passagens bíblicas variam bastante entre si.

Para fazer exegese do AT de modo adequado você precisa se tornar uma espécie de “generalista”. Você logo se envolverá com as funções e os sentidos das palavras (lingüística); com a análise da literatura e do discurso (filologia); com a teologia; com a história; com a transmissão dos escritos bíblicos (crítica textual); com a estilística, com a gramática e a análise de vocábulos; e com a, vagamente definida, mas inescapavelmente importante, área da sociologia. Habilidades naturais intuitivas são úteis, mas não substituem o trabalho árduo e cuidadoso de pesquisa em primeira mão. Como processo, a exegese pode ser algo bastante monótono. Felizmente, porém, seus resultados geralmente são encorajadores. Todavia, sejam encorajadores ou não, os resultados devem ser, pelo menos, de valor prático genuíno para o crente, ou, então, alguma coisa está errada com a exegese. Embora este livro seja um manual básico, e não exatamente uma análise exaustiva de pressuposições exegéticas e técnicas, ele deve servir bem ao leitor, se sua motivação para aprender a exegese é aplicar, mais cedo ou mais tarde, seus benefícios na pregação ou no ensino cristão.

O exegeta precisa pesquisar muitos livros e fontes. Há quatro tipos que são particularmente importantes pela orientação metodológica e bibliográfica que contêm em relação à exegese. Você deveria adquirir os quatro tipos, dos quais os seguintes títulos são representativos:

DILLARD, Raymond e T. Longman, *Introdução ao Antigo Testamento*, Vida Nova, 2006.

ou

SOGGIN, Alberto J. *Introduction to the Old Testament*, rev. ed. (Westminster John Knox Press, 1999).

Essas duas obras trazem explicações lúcidas e concretas dos tipos literários e divisões do AT, abordagens eruditas, o conteúdo e a avaliação de cada livro, o cânon e o texto. Além disso, a orientação bibliográfica que dão é muito útil.

DANKER, Frederick W. *Multipurpose Tools for Bible Study*. rev. ed. Fortress Press, 1993.

Danker apresenta os contextos, as definições e as explicações de todos os tipos de livros, métodos, fontes e estilos na exegese bíblica. Sua obra é padrão para informações dessa natureza.

SOULEN, Richard N. *Handbook for Biblical Criticism*. Ed. rev. e aum. John Knox Press, 1985.

Este manual é uma coletânea de definições. Praticamente, todos os termos exegéticos e todas as técnicas que você encontrará algum dia são detalhadamente explicados por Soulen.

FITZMYER, Joseph A. *An Introductory Bibliography for the Study of Scripture*. 3. ed., Loyola Press, 1990.

A obra de Fitzmyer é uma das melhores listas anotadas (até sua data de publicação) de léxicos, textos, gramáticas, concordâncias e outros auxílios técnicos usados pelos exegetas.

Com esses quatro tipos de texto à mão, você saberá quais são as questões na exegese, que tipo de recursos estão à disposição, e onde encontrá-los.

Além desses quatro tipos de livros, você deve possuir em sua biblioteca uma cópia do AT em hebraico, uma concordância hebraica do AT, um léxico de hebraico, uma gramática hebraica, uma história de Israel completa, um dicionário bíblico e, se possível, uma série de comentários "críticos" do AT. As obras específicas são discutidas no capítulo 4. A concordância, a história, o dicionário e a série de comentários são essenciais, mesmo que você não saiba hebraico. Sem as ferramentas apropriadas a exegese não irá muito longe. É claro que quanto mais desses recursos você tiver em formato eletrônico, mais rápido seu trabalho exegético vai andar.

Ao usar este guia, lembre-se de que nem todos os passos se aplicam igualmente a todas as passagens do AT. Por exemplo, algumas passagens exigirão maior atenção a aspectos históricos e muito pouca atenção à forma ou ao vocabulário. Com outras será exatamente o contrário. Não há como ter precisão automática sobre isso antecipadamente. À medida que você se familiarizar com um texto, a tendência é que se tornará óbvio que peso relativo você dará a cada passo e aos subpontos decorrentes.

Este manual está organizado em quatro divisões. O capítulo 1 traz um formato não-técnico para monografias e outros projetos exegéticos formais. O capítulo 2 apresenta ilustrações para os passos de uma exegese completa. O capítulo 3 contém uma versão simples e condensada do formato extenso, tendo como foco a preparação de sermões. O capítulo 4 discute os vários auxílios e recursos exegéticos, especialmente os bibliográficos, e como utilizá-los.

Novo Testamento

O termo “exegese” é usado neste livro num sentido conscientemente limitado para referir-nos à investigação histórica do significado de um texto bíblico. A pressuposição subjacente a essa tarefa é que os livros bíblicos tiveram “autores” e “leitores”, e que os autores pretendiam que seus leitores entendessem o que eles escreviam (veja, p. ex., 1 Co 5.9-11; 1 Jo 2.1; veja o Apêndice). Exegese, portanto, responde à seguinte questão: Qual era o significado que o autor bíblico queria comunicar? Exegese refere-se tanto ao *que* ele disse (o contexto propriamente dito) quanto a *por que* ele o disse num determinado lugar (o contexto literário) — na medida em que isso pode ser descoberto, dada nossa distância em tempo, linguagem e cultura. Além disso, a exegese ocupa-se, fundamentalmente, com a intencionalidade: O que o autor bíblico *tencionava* que seus leitores originais compreendessem?

Historicamente, o termo mais geral para a ciência da interpretação, que incluía a exegese, era *hermenêutica*. Entretanto, uma vez que a hermenêutica veio a focalizar o significado como uma entidade existencial, i.e., o que esses antigos textos sagrados significam para nós em um ponto posterior na história, decidi limitar qualquer uso do termo ao seu sentido mais restrito de “significado contemporâneo” ou “aplicação”.

Este livro trata, fundamentalmente, do processo exegético propriamente dito. Assim, o alvo *imediato* de quem estuda a Bíblia é entender o texto bíblico. Contudo, a exegese não deve ser um fim em si mesma. Ensaios exegéticos apresentados como sermões são, normalmente, tão secos como o pó; talvez informativos, mas raramente proféticos ou inspiradores. Portanto, o objetivo *último* de quem estuda a Bíblia é aplicar o seu entendimento exegético do texto à igreja e ao mundo contemporâneos. Por isso, este manual também inclui algumas sugestões sobre como “ir do texto ao sermão”.

O processo de se fazer exegese e escrever um trabalho exegético é determinado em parte pela(s) razão(ões) pela(s) qual(is) se aborda determinado texto. Existem, basicamente, três razões:

1. O trabalho sistemático com um livro bíblico inteiro.
2. A tentativa de solucionar as dificuldades num enigma bem conhecido, ou numa passagem problemática (1 Co 7.14; 15.29 etc.)
3. A preparação do sermão ou estudo para o domingo seguinte, ou para alguma outra atividade pastoral relacionada.

Os professores e os comentaristas normalmente abordam o texto pela primeira razão. Na sala de aula, os alunos são, também, envolvidos nesse processo e, freqüentemente, escrevem seus trabalhos exegéticos à medida em que “as coisas acontecem”. É desejável que um número crescente de pastores aprendam a estudar exegeticamente livros inteiros, não apenas para uso imediato no ensino ou na pregação, mas também para a criação de uma “bagagem” de material bíblico que o auxilie em todo o seu ministério.

Muitos ensaios exegéticos elaborados por alunos também são feitos pela segunda razão. Espera-se que as lições aprendidas ao se tentar solucionar “passagens problemáticas” conduzam o estudante até a razão 3 (a pregação ou as atividades pastorais), que é o motivo mais comum — e urgente — pelo qual ministros abordam o texto bíblico. Por essa causa, um capítulo inteiro é dedicado ao ensino da exegese “na forma breve”, voltada à preparação de sermões. Contudo, ninguém é capaz de aprender corretamente a forma “breve” sem antes aprender bem todo o processo.

As orientações do capítulo 5 foram escritas da perspectiva da razão 2 (lidando com passagens problemáticas). Também foram incluídos (no Passo 1) auxílios adicionais para aqueles cuja abordagem é a razão 1 (trabalhando com um livro inteiro).

O primeiro fator que se deve observar em qualquer texto bíblico é elementar, mas é também crucial, pois determina muito do restante. *Em que tipo de literatura você está fazendo exegese?* O NT é composto, basicamente, de quatro tipos (gêneros):

1. As *epístolas*, em sua maior parte, são compostas de *parágrafos* de argumentos ou exortações. Aqui o exegeta precisa aprender, acima de tudo, a mapear o fluxo do argumento do autor, a fim de entender determinada frase ou parágrafo.
2. Os *evangelhos* são compostos de *perícopes*, unidades individuais de narrativa ou de ensino, que são de tipos diferentes, com características formais distintas, e que foram inseridas em seus contextos pelos evangelistas.
3. *Atos* é basicamente uma série de *narrativas* curtas que relacionadas formam uma narrativa maior entremeadas de *discursos*.

4. O livro de *Apocalipse* é basicamente uma série de *visões* cuidadosamente elaboradas e entretecidas de modo a formar uma narrativa apocalíptica completa.

Embora tenham muitas coisas em comum, cada um desses gêneros também tem seus problemas exegéticos peculiares e suas “normas”. Dessa forma, o manual está dividido em quatro partes no capítulo 5: (A) alguns passos iniciais comuns a todos os gêneros; (B) alguns passos especiais peculiares a cada gênero; (C) mais alguns passos comuns a todos; e (D) algumas observações a respeito da aplicação.

Não se presume aqui que este manual seja lido todo de uma só vez, mas que seja usado de modo a acompanhar o próprio trabalho de exegese. Portanto, se estiver fazendo a exegese de uma passagem das epístolas, você deve seguir os oito primeiros passos comuns a todos (cap. 5, 1-8); depois seguir os três passos peculiares às epístolas, na parte B (cap. 5, 9 [Ep] até 11 [Ep]), e, então, pular para a parte C, para os Passos 12-15 (cap. 5, 12-15). Repita o processo num trabalho exegético nos evangelhos, em Atos ou em Apocalipse. Observe que no Passo 15 (Escreva o texto final) existem, de novo, orientações diferentes para uma passagem das epístolas ou dos evangelhos. Visto que o capítulo 5 não deve ser lido por inteiro, do início ao fim, com nenhum dos gêneros, o aluno provavelmente fará bem em consultar regularmente o diagrama esquemático que se encontra no início daquele capítulo (p. 210-11).

Lembre-se, ao utilizar este manual, que *os passos não se aplicam todos uniformemente* a todas as passagens do NT. Por exemplo, algumas passagens não terão nenhum problema textual, enquanto que para a compreensão de outras a solução de uma questão textual será fundamental. Em outros textos, o ponto crucial será de natureza contextual ou lexical, ou ainda uma compreensão viinda do contexto histórico ou sociocultural. Não há como saber de antemão quais questões uma dada passagem levantará. O que você precisa fazer é aplicar *todos* os passos. À medida que você se familiarizar com uma passagem, a tendência é que o peso relativo de cada passo e de seus subpontos fique mais claro.

Uma palavra final para aqueles que usam somente a Bíblia em português. Primeiro, convença-se de que você pode aprender a fazer exegese tão bem como qualquer outro. Saber grego obviamente é uma vantagem em diversas questões de detalhes. Porém, a pessoa que não conhece grego mas está disposta a fazer um pouco de trabalho extra pode desfrutar das grandes alegrias dessa disciplina. Leve a sério a necessidade de aprender o alfabeto grego; ele dará a você acesso direto à maioria das melhores ferramentas, especialmente no que diz respeito ao estudo de palavras.

Em segundo lugar, a parte do Passo 3 relativa à Bíblia em português é uma questão absolutamente essencial. Nesse ponto, você aprenderá não só como tornar-se totalmente familiarizado com sua passagem mas também como descobrir o que precisa ser investigado. Essa é a porta de entrada para as questões de conteúdo. O objetivo desse exercício *não* é fazer escolhas entre as várias traduções para ver qual você prefere. Ao contrário, é guiá-lo às fontes secundárias onde essas questões são discutidas. Mas o objetivo é aprender o método bem o bastante de forma que mesmo aqui você possa ter confiança em decidir sozinho.

Em terceiro lugar, você se ajudará muito se ler amplamente na literatura secundária para cada passo listado no capítulo 4. Os títulos mais úteis para iniciantes nessas várias disciplinas são cuidadosamente marcados.

Com o tempo, você pode achar possível aprender a própria língua grega, pelo menos em um nível básico. Se fizer isso, vai descobrir para seu deleite que não é tão difícil como você havia imaginado nem como alguns sugeriram.